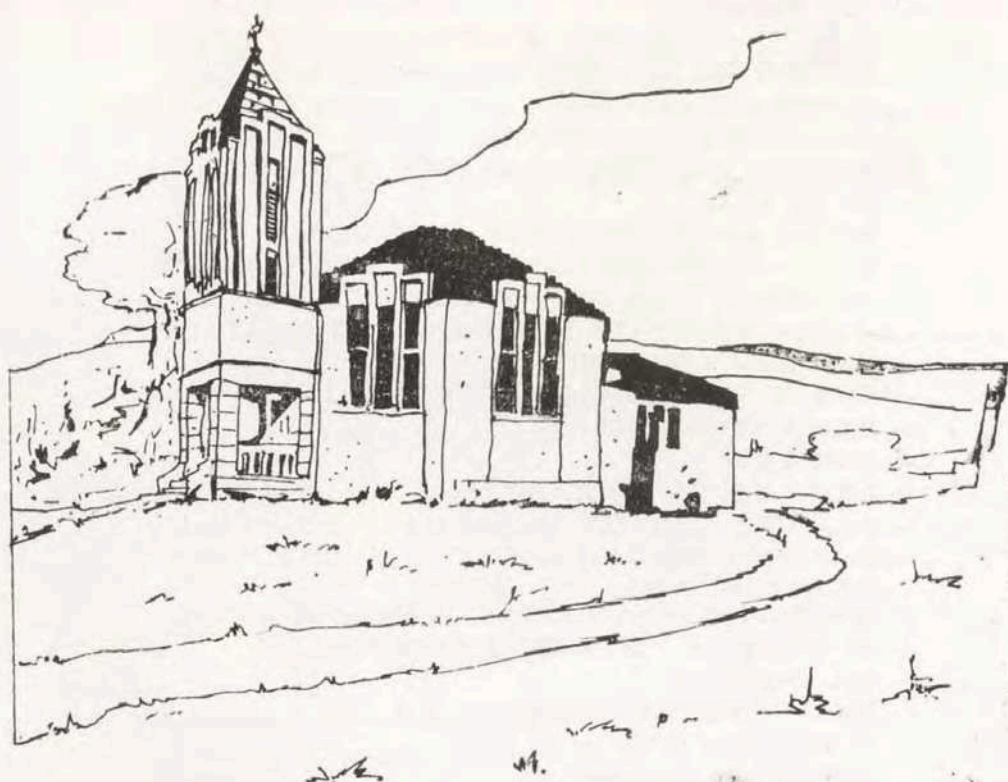


Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVI

Agosto de 1995

Nº. 8



IMPRESSO

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAIS DURANTE O CORRENTE ANO :

- ALFREDO LUIZ BAUMGARTEN
- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ANTÔNIO ROBERTO NASCIMENTO
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARMANDO LUIZ MEDEIROS
- ARNALDO BUERGER
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- BUSCHLE & LEPPER S/A
- CASA FLAMINGO LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPRON ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- NIELS DEEKE
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- POSTO HASS LTDA.
- RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODÍZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SUL FABRIL S/A.
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECÂNICA LTDA.

BLUMENAU

EM CADERNOS

TOMO XXXVI

Agosto de 1995

Nº. 8

SUMÁRIO

Página

O Centenário do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina — Theobaldo Costa Jamundá	226
Ouro enterrado, uma estranha história — Grete Medeiros	228
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	230
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	232
Reminiscências... — Orla Kadletz	235
Registros de Tombo de Rodeio (V) — Pe. Antônio Francisco Bohn	237
Reminiscências em correspondência — Sigfried Carlos Wahle	240
Jubileu em Encano Baixo	241
Figura do Passado — S. C. Wahle	242
A escravidão no Brasil — Elly Herkenhoff	245
Aconteceu... — Julho de 1995	248
Memória histórica de vitoriosa colonização — Toni Vidal Jochem	252
Aconteceu... há 50 anos passados — José Gonçalves	254
Genealogia das famílias Gehrent — Schmidt e Silva — Gorges	255

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 15,00

Número avulso R\$ 4,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 35,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 26-6787

89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

CAPA: Capela São Miguel Arcanjo, de Itoupava Central, cujo desenho é da autoria de Stocker. — CLICHÊ: Cortesia da CLICHERIA BLUMENAU.

O Centenário do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

THEOBALDO COSTA JAMUNDA



Comemorará a ocorrência de um Centenário de existência o egrégio Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (07.07.96). Imaginado e criado pelo catarinensismo de José Arthur Boiteux (1868-1934) é, na atualidade presidido por Walter F. Piazza (Nova Trento, SC, 1925).

Na sede do Instituto, no Palácio Cruz e Sousa (Florianópolis, SC), a professora Eliana Bahia, dona de sensibilidade comprovada na área de informação e documentação, produz texto de referências, e coordena colaboradores e colaborações relacionados com a festa de alto nível envolvendo todos preservadores do passado.

Tem data de abril deste ano uma Circular produzida pela presidência motivando interesse maior dos sócios na contribuição para organização do Programa comemorativo. Embora ainda esteja em agosto-95 o interesse do presidente Walter F. Piazza, é colher sugestões e sugestões. Reuni-las como assemelhadas ou diferenciadas, e do exame orientado sob

critério básico: adequado a uma comemoração de um instituto de História e Geografia, já com a carga valiosa de cem anos de funcionamento, elaborar a programação.

Aguarda-se adesão numerosa ao convite do presidente-líder democrático no zelo pelo patrimônio do IHGSC. Todos nós e outros estamos na dívida de gratidão com os que fizeram o IHGSC chegar às vésperas do Centenário de vida útil. Essa vida útil consumiu dedicação integral à preservação da Memória brasileira no todo, e no particular da Memória catarinense. Os inteligentes e com inteligência fizeram o funcionamento do IHGSC. Sob certo ponto de vista foram madrugadores no culto do Passado lastreador e fertilizador da Identidade catarinense.

E não precisa queimar pestanas quem queira entender a interligação de pessoas da vária e vasta genealogia catarinense, reunidas na ambiência do IHGSC. — Ao vôo do pássaro a seleção de três nomes: Licurgo Costa, Osvaldo Ferreira de Melo e Walter F. Piazza. E se tem na atual ambiência do IHGSC os representantes de três árvores genealógicas cujas pontas das raízes, em diferentes geografias como outros são doutras e até mais de bem longe, por exemplo, Sílvia Amélia Carneiro da Cunha, de uma genealogia nobre paraibana.

Os três tomados para exemplificar são herdeiros de três tradições regionais: (1) o primeiro vem na do planalto da Mata de pinheiros (Lages, SC); (2) o segundo vem na enxertada pelos ilheus dos açores (São José, SC); e o terceiro pela relação familiar com o fundador do IHGSC, José Arthur Boiteux e agora presidente da entidade a ser centenária no próximo ano, tem responsabilidade significativa. E também como herdelro da tradição do

vale do rio Tijucas para onde os trentinos chegaram para crescer e multiplicar.

A vida e funcionamento do IHGSC vem nos anos com a cadência de virar páginas na leitura de livro. Apareceu com a energia para durar. E durando até às vésperas de um Centenário diz que a intelectualidade ambiciosa que o instituiu era ambiciosa e praticante também do culto de conhecimento dos catarinensismos. — Uma longa vida de utilidade intelectual.

Foi na ambiência do IHGSC que a cartografia catarinensizadora acrisolou e foi acrisolada. Nela as influências migradas e imigradas começaram a ser estudadas aquém e além das parciaisidades. Nas decisões do colegiado da História e da Geografia acima das controversias, soberanamente, permaneceu no vértice com prioridade: (1) o interesse da ação para o conhecimento; (2) e de ação para zelo do patrimônio.

E o propósito do IHGSC ser espaço de conjuntura, simbolicamente, aquecida, é a alavanca apoiada na inteligência do quadro dos associados. E pela idade terá noventa e nove anos (99) quando setembro chegar.

E não se deixe de fora o raciocínio: a intelectualidade reunida no IHGSC durante, toda existência, o fez, o tomou, o ativou, conforme o projeto em pauta: (1) ora tribuna; (2) ora atelier; (3) ora oficina; (4) ora caldeirão sobre chamas.

O selo heráldico de hoje é representativo e colhe o respeito aonde se fala português. Não só por que seja heráldico porém também responsável por motivações culturais como por exemplo: foi nele, na década de 1930, que geógrafos e estatísticos sentiram a necessidade de atuarem no dimensionamento catarinense em todos os propósitos conjunturais do desenvolvimento brasileiro: eles ultrapassaram a verbosidade ufanista, e com a geografia moderna e a matemática especificada, atuaram superentendidos pelas estimulações do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas). Recorde-se a

posição que o geógrafo Victor A. Peluso Junior (presidente do IHGSC antes de Walter F. Piazza) militou com destaque no grupo de vanguarda dos geógrafos brasileiros.

Antes porém do rompimento com o Ufanismo ocorreu na ambiência do IHGSC a cogitação para invenção da Academia Catarinense de Letras. E esta veio aparecer no último terço de 1920: o IHGSC já era adulto de 24 anos.

Quando setembro chegar em 1996 o IHGSC comemorará um Centenário de funcionamento útil. Quem presidirá a festa comemorativa será o doutor em História Walter F. Piazza, pessoa que é da árvore genealógica do lembrado José Arthur Boiteux — o fundador.

O IHGSC usufrui ser cinquenta e oito anos mais moço que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e por meses e dias mais antigo que a Academia Brasileira de Letras (15.11.1896).

Altino Flores (1892-1983) era menino de quatro anos quando o IHGSC apareceu, e já ia pelos vinte e oito anos com a sensibilidade crítica que o fez notável, quando amadureceu o ser quem foi: inimitável. Estivesse na Academia ou no IHGSC, estava onde a vanguarda ativava. Destacado no jornalismo em forma literária foi útil ao interesse político dominante. Entretanto jamais mordacou o espírito crítico. Encontramo-lo indagativo sobre a instituição de uma Academia de Letras. — Teria a intelectualidade da época quarenta academisáveis? Othon d'Eça, confrade de Altino, exatamente, personalidade romântica, diz Celestino Sachet desde 1912 sonhava pela existência de uma Confraria de Letras. E ambos no espaço do IHGSC harmonisaram esforços aquecedores do caldeirão catarinensista. Entenda-se que os dois foram confrades na Academia e no IHGSC do humanista Henrique da Silva Fontes (1885-1960), do memorialista Renato Barbosa (1902-1988), e daquele que foi o mais perfeito no jornalismo em forma literária: Gustavo Neves; e todos esses foram confrades de Barrei-

ros Filho (1891-1977) fazendo jornalismo vernaculizador.

A intelectualidade participante no IHGSC e na Academia chegou ao grande público através dos jornais e das revistas. E sob certo ponto de vista a intelectualidade do Rio de Janeiro é imitada na Ilha de Santa Catarina. Nesta é feito o jornalismo político, o jornalismo literário, o jornalismo especializado no vernáculo e de zelo pelos catarinensismos.

Quem vê isso com competência é Celestino Sachet: "A GERAÇÃO DA ACADEMIA POUCO CULTIVA A FICÇÃO, MENOS O POEMA, E, NEM MESMO, SE PREOCUPA EM EDITAR SUAS PRODUÇÕES. O GRUPO SE ATÉM AS ATIVIDADES CULTURAIS NO MAGISTÉRIO, NA IMPRENSA E NA PRÓPRIA ACADEMIA."

Pode-se acrescentar sem ofender ou

demeritar: a **Geração da Academia** deu aqueles que no associativismo do IHGSC ofereceram os livros indispensáveis a uma biblioteca catarinensista, no espaço da História o de **Henrique da Silva Fontes**. A Irmandade do Senhor dos Passos e o seu Hospital e aqueles que o fundaram; no espaço da Literatura o de **Tito Carvalho**, Bulha d'Arroio. E ambos conviveram com o historiógrafo maior Carlos da Costa Pereira (1890-1967) autor de *O Nascimento de frei Fernando Trejo y Senabria* em São Francisco

E não se perca na interpretação da vida e funcionamento do IHGSC que, seu primeiro presidente foi um dos fundadores exatamente, o governador **Hercílio Pedro da Luz** (1860-1924). É admissível compreender que atuou de modo estimulante e fecundador enriquecendo o idealismo intelectual de **José Arthur Boiteux**.

FONTES DE CONSULTA: CELESTINO SACHET, *As Transformações Estético-Literárias dos Anos 20 em Santa Catarina* (1974); *A Literatura em Santa Catarina* (1979); ANTONIO OLINTO, *Jornalismo e Literatura* (1968); THEOBALDO COSTA JAMUNDA, Diniz Junior (Acad. Cat. Letras, 1972), Gustavo Lacerda, in "Boi de Mamão" (Fund. Cat. Cultura); *Jornalismo dos tempos um gosto e seis vintens*, in "Releituras" (Furb/Blumenau, abril 94).

OURO ENTERRADO, UMA ESTRANHA HISTÓRIA

Quem nunca sonhou em encontrar um tesouro enterrado? Pois a história que conto a seguir, por mais estranha e inverossímil que pareça, aconteceu de verdade.

Há muitos anos, pelos meus cálculos devia correr o ano de 1943 (ou seria ainda 1942?), uma moça natural do Gasparinho veio trabalhar em nossa casa. Seu nome era Ondina, e já era nossa conhecida, pois havia trabalhado antes em casa de minha sogra. Antes ainda, trabalhara em casa de um Alexandrino Dalchópio e sua mulher, modestos proprietários de uma charqueada lá pelos lados do Weissbach, que a tinham tratado muito bem e a quem carinhosamente

chamava de pai e mãe.

Estava já há um tempo conosco quando, certo dia, foi chamada ao telefone. Eu estava no quarto ao lado e ouvia suas palavras. «É verdade, sim, podes perguntar à mãe.» Alguém fazia perguntas e ela respondia. Ao largar o fone, visivelmente nervosa, veio ter comigo e contou sua estranha história.

Ela tivera um sonho em que vira um lugar onde havia dinheiro enterrado. Contara para a mãe, que se prontificara a ajudar. À noite, acompanhados pelo filho mais moço de seus patrões, pegaram uma carroça e foram procurar o tal lugar, debaixo de uma árvore, em meio a um canavial de um vizinho,

à beira do rio. Esperaram dar meia noite em ponto para começar a escavação, como é sempre recomendado em casos de busca a tesouro... Não demorou muito e a pá bateu em algo que mostrou ser uma velha e carcomida panela de ferro prontamente removida e levada para casa com auxílio da carroça. Lá chegados, o pai logo se interessou, abrindo-a, trazendo à vista muitas barras escuras que, após uma ligeira limpeza, mostraram sua cor de metal amarelo. Ondina parecia confusa ao descrever as tais barras (ou seriam moedas?), pois fora impedida de aproximar-se.

A história pareceu-me demasiado fantástica e a ela não foi dado muito crédito. Ondina continuava cumprindo seus deveres de empregada doméstica e os dias foram passando. Algum tempo depois, estava eu no jardim quando chegou uma senhora de meia idade perguntando pela moça. Pedi que aguardasse na varanda da velha casa da Rua Quinze e fui chamar a moça. Como está se demorava, aproveitei para fazer algumas perguntas. «Ondina contou que achou dinheiro.» A cara da mulher se fechou e a resposta foi curta e seca: «É, parece...» Tentei insistir, perguntando onde estaria o tal tesouro. «Está muito bem guardado», limitou-se a responder. Sua cara fechada virou carranca e nada mais disse. Cheguei a ficar aborrecida com tal atitude grosseira de alguém sentado em minha própria varanda. Virei as costas e entrei na casa, enquanto Ondina se aproximava para uma conversa longa, quase aos murmúrios.

Muito tempo se passou. Pouco a pouco soube-se que Alexandrino Dalchópio transformara-se em um dos maiores proprietários de imó-

veis no centro de Blumenau, graças, dizia-se, aos bons resultados de sua charqueada. Ninguém pareceu estranhar, pois a estas alturas seu dono já era considerado homem de muitas posses, um ricoço.

Tudo isto seria mesmo verdade? Só posso dizer que, muito depois, Luiz, meu marido, estava numa roda de amigos a saborear um caiezinho na varanda do Toenjes, quando um deles comentou: «Domíngio vou com minha mulher a uma festa lá no Salto. Meu amigo Dalchópio vai inaugurar uma capela no lugar onde ele achou o dinheiro.» Parece que a estas alturas ele já havia comprado também o canavial...

O que aconteceu a Ondina?

A moça deixou o emprego pouco depois e desapareceu, voltando para a casa de seus verdadeiros pais, no Gasparinho. Muitos anos mais tarde, encontrei sua irmã, então balconista da Casa Borba, que me contou um pouco de sua triste e desgraçada história.

Ondina nunca viu a cor do ouro. Aliás, a cor foi tudo o que ela viu; era amarelo. Não foi favorecida nem com um só centavo. A história do ouro era um segredo que ela não abria nem mesmo para seus íntimos. Casou-se com um soldado da polícia, mudando-se para São Bento. Chegou a perder um filho por absoluta falta de recursos para tratar de sua doença. Morreu na mesma miséria em que sempre viveu.

Não sei se todo aquele dinheiro trouxe felicidade para quem o aproveitou. De onde teria vindo o ouro? Nunca se teve a menor idéia.

Uma história real, mas muito estranha, na qual foram trocados os nomes dos personagens.

Grete Medeiros

O CAMINHO DE CALMON

Calmon, novo município norte-catarinense, deve seu nome ao engenheiro Miguel Calmon Du Pin e Almeida, que foi ministro da Viação na época da construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande. Colega de Lima Barreto, na Politécnica do Rio, por ele o escritor nutria incontrolável antipatia. Miguel Calmon, «rapaz de nome ilustre, para quem o futuro não pouparia de benesses, dando-lhe tudo, além de dinheiro, sucesso na política» — teria desprezado o escritor, pobre e mulato, ou, pelo menos, assim foi interpretado pelo desconfiado Lima.

Quando assumiu o Ministério, muito jovem, teve no antigo colega o mais implacável opositor. Considerava-o um almofadinha e contra ele escreveu um dos seus mais virulentos artigos, «O Ideal de Bel Ami», hoje incluído no volume «Feiras e Mafuás», de suas Obras Completas. Quando embriagado, curtindo seus homéricos porres, Lima Barreto recordava sua intimidade com o poderoso ministro nos tempos de Faculdade, e acabava prometendo «comprar uma espada para matar o Bel Ami.» Esse é, resumido, o relato de seu biógrafo maior, Francisco de Assis Barbosa.

Creio, porém, que a aversão de Lima o levava ao exagero. Calmon foi aluno brilhante, professor universitário e ministro competente, sem dúvida merecedor da homenagem que lhe foi prestada ao darem seu nome à cidade onde vivi dias inesquecíveis.

Esse intróito todo, no entanto, tem como objetivo nos conduzir à estrada, ou melhor, ao caminho de Calmon. Refiro-me à ligação entre Porto União, Matos Costa e Caçador, passando por Calmon, em outros tempos chamada de Estrada da Amizade. Já nos meus dias de garoto os moradores batalhavam pela sua construção, uma vez que não passava de infernal sucessão de pedreiras e buracos, atoleiros e valetas, caminhos fundos e carreiros que se esvaíam nos matos e banhados. Só os jipes e fordecos, com ingentes sacrifícios, conseguiam vencer o trajeto, quando por ali se aventuravam.

Decorridos tantos anos, tudo está quase na mesma. Apesar de algumas obras, a estrada prossegue péssima e o asfaltamento no campo do sonho. Apesar dos justos reclamos, o Poder Público se mantém cego, surdo, mudo, estático. É uma calamidade hereditária, que se prolonga no tempo, herdada por uma geração da anterior e sem perspectiva de solução. Embalado o homem foi à Lua, a tecnologia dominou o mundo e ruiu o muro de Berlim — Calmon e Matos Costa não dispõem de um meio de comunicação que os romanos já dominavam!

VARIADAS

* A Academia Catarinense de Letras inaugurou sua nova sede, situada no Centro Integrado de Cultura, comemorando solenemente

seus 75 anos de existência. Na mesma data foi empossado o novo acadêmico, Prof. Jali Meirinho. ** Realizou-se em Joinville o IV Encontro Catarinense de Micro-História, promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico (IHGSC) e Universidade da Região de Joinville (Univille). ** Circula novo número de «Linha Viva», publicação dos eletricitários de Florianópolis, destacando a mostra dos trabalhos realizados em suas oficinas de arte. Ele patrocinou um concurso de contos de repercussão e publicou os premiados em coletânea. ** Desde que os grandes jornais do Estado vêm negando espaço aos críticos Lauro Junkes e Celestino Sachet, a divulgação de nossas letras virou matéria de coluna social. Uma notinha no lançamento, se houver coquetel, e o livro cai no esquecimento, sem que o autor saiba o que pensam os leitores e estes possam conhecer a opinião dos críticos.

USINA

Darcy Ribeiro fugiu da UTI em que estava internado, atitude que recomenda a quantos estejam na mesma situação. Escondeu-se numa casa de praia e pôs mãos à obra para concluir três livros que estavam em preparo, entre eles o monumental «O Povo Brasileiro» (Cia. das Letras — S. Paulo — 1995), ao longo de cujas páginas desvenda a formação e o sentido do Brasil. Conclui que somos uma nova Roma, mesclada de sangue negro, índio, europeu e outros, destinados a criar uma civilização diferente, mais alegre e melhor, sem similar no tempo e no mundo. Nesse livro que resultou de trinta anos de pesquisas e quarenta dias de escrita frenética



ca, ele nos deu, afinal, uma teoria do povo brasileiro, sem a qual nenhuma civilização consegue se consolidar. Como autêntica usina de força, o autor concluiu mais dois livros, um deles para crianças, e que foi lançado festivamente no Memorial da América Latina, do qual ele foi um dos idealizadores.

POESIA DE CÁ E DE LÁ

Darinka, pseudônimo de Angelina Fagnano de Ambrosini, é uma poeta argentina de grande produção e intensa atividade, que veraneia

em nosso Estado e aqui deseja fundar uma delegacia da Associação Latino-Americana de Escritores (ADEA). É de sua autoria o poema abaixo, em tradução de Eliége Paiz.

DEPOIS DO DILÚVIO

Depois do dilúvio
saiu a pomba
em seu bico trazia
u'a mensagem de alegria
ninguém escutou, pomba minha,
a mensagem de alegria.
Só sabem fazer as guerras
os que andam nesta terra.
... E apareceu o abutre,
e apareceu o corvo,
e comeram
a carne humana putrefata.

... Retornou a pomba
depois da guerra
no seu bico portava
um ramo de oliveira.
Não mais guerra
não mais bomba
só paz e amor
na terra.
E Picasso fez
com quatro traços
uma pomba
símbolo da Paz.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATILIO ZONTA

- Primeira bênção da Capela de Santo Ambrósio de Ascurra;
- Pregadas as primeiras «Santas Missões» nessa Capela;
- Primeiros fabriqueiros da Capela e,
- Família de Nicolau Pitz.

A primeira bênção litúrgica dada à Capela de Santo Ambrósio de Ascurra, aconteceu em 29 de junho de 1909, por ocasião da visita do novo Vigário de Rodeio, Frei Crisóstomo Adams. Quase três anos após, ou seja, em 12 de março de 1912, o jesuíta Padre Caleoni, vem de Nova Trento e segue a Ascurra a pregar as Missões, nas quais, participaram novecentos paroquia-

nos. Essa pequena comunidade católica, sempre fiel aos princípios morais e religiosos, recebeu o missionário com muita festa. Nesse mesmo ano, a 29 de novembro, por Dom João Becker, primeiro B'spo Diocesano de Florianópolis, é criado o Curato de Santo Ambrósio, tendo já no dia 27, dado provisão cura ao Padre João Canônico, 1º. Vigário, atendendo assim,

finalmente, S. Excia. Revma., o pedido fervoroso dessa gente simples. Os católicos de Ascurra, não mediam sacrifícios, nem mesmo os que residiam em terras distantes, para comparecer às cerimônias, celebradas quando da visita do sacerdote. Depois da bênção da Capela, os paroquianos procederam à escolha dos que seriam responsáveis pelos bens eclesiásticos. Em reunião subsequente, foram designados os primeiros fabriqueiros, cujo trabalho, consistia em zelar por todos os pertences da Capela. Os indicados foram aceitos à função com a aquiescência do Padre Vigário que, imediatamente, lhes deu a posse. Todos lavradores, de descendência italiana, filhos dos primeiros imigrantes que aportaram em Ascurra, no início da colonização. Nos finais de semana, faziam-se presentes à Igreja para executar os serviços de limpeza, inclusive a do cemitério, um recanto de paz, e as cruzes assinalando a última morada. Pobres sepulturas onde jaziam os primeiros colonos pioneiros e muitos dos seus descendentes, que todos viveram nos seus anos uma vida simples e de trabalho monótono, lavradores ansiosos por um futuro promissor. Este campo santo, naquele tempo, situava-se em frente à Igreja e próximo ao caminho principal da povoação, o qual conduzia a Rodeio, margeando pela esquerda o Rio Itajaí-Açu. Esses fabriqueiros permaneceram por décadas nessa ocupação e foram os seguintes: José Raffaelli, Elias Barbeta, José Merini, Pedro Moretto. Todos, sem excessão, entregavam-se todos ao trabalho, afastando-se dos serviços da roça durante dias e empenhavam-se com amor e dedicação às tarefas a executar.

Nas semanas que precediam

à celebração da festa do Padroeiro, improvisavam barracas, nas quais, recolhiam as prendas que as famílias ofertavam, para serem leiloadas. As mães ocupavam-se com os preparativos da cozinha, afim de oferecerem aos participantes, os pratos típicos coloniais italianos. Enfeitavam os altares com flores, bem como, o púlpito, de onde o sacerdote fazia as prédicas. Não somente os fabriqueiros e as mães de família envolviam-se nesses preparativos, mas também, outros colonos devotos do Santo Padroeiro. Esses, adentravam às matas e cortavam palmitos e, de carroças, transportavam-nos para a freguesia e, com os quais, faziam a decoração, colocando-os um por um em pequena cova, de pouca profundidade, distante um do outro aproximadamente um metro, ao longo das laterais, no percurso de um quilômetro, por onde haveria de passar o cortejo. Ao longo do trajeto, confeccionavam os tapetes com serragem em várias cores, cujo trabalho, ficava à responsabilidade das mães, com suas filhas. Formavam arcos triunfais com os enfeites dos palmitos que, ofereciam uma magnitude e esplendor.

Improvisavam altares, em cuja mesa expunham imagens de Santos que veneravam em suas casas. No auge da festa, realizavam a procissão sobre cujo tapete, o sacerdote paramentado, levava a imagem do Santo Padroeiro. Percorrido todo o trajeto, retornavam à Igreja, erguendo preces e cânticos a Deus, para todos os participantes receberem a bênção solene sacramental. Depois de 1925, essas festas eram acompanhadas pela Banda musical do Colégio São Paulo, dirigida pelo Maestro Antônio Scaburi, irmão leigo. A Missão Salesiana, estabeleceu-se em Santa Ca-

tarina, em 16/12/1916, com sede na localidade de Ascurra, cujo primeiro Diretor, fora o Padre Ângelo Alberti. Desde esse tempo, os salesianos de Dom Bosco, foram introduzindo em seu calendário litúrgico, nas Igrejas sob os seus cuidados pastorais, os Santos venerados pela Congregação. No mês de janeiro, dia 30, acontecia a celebração da festa de Dom Bosco; 24 de maio, solenidade da coroação de Nossa Senhora Auxiliadora; em junho, a do Espírito Santo; 15 de agosto, a festa de Assunção de Nossa Senhora; 1º de novembro, dia de Todos os Santos; 7 de dezembro, Santo Ambrósio, Padroeiro da Igreja; 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição. Solenemente, celebravam também, durante o ano, as festas de, 1º de janeiro, da Semana Santa, Páscoa, Corpus Christi, Natal e 31 de dezembro, Te Deum, de agradecimento pela passagem do ano. Quase todas essas celebrações, eram precedidas de novenas e tríduos vespertinos, encerrando com bênçãos solenes. Os acontecimentos litúrgicos tornaram-se uma tradição, até a década de sessenta. A partir de então, várias comemorações religiosas foram abolidas em decorrência de Decreto Federal, em que também veio extinguir, alguns feriados, federais, estaduais e municipais.

Dissemos em linhas precedentes, que os donativos eram leiloados no dia dos grandes festejos do padroeiro Santo Ambrósio, e em outras celebrações dos Santos venerados na região, por um paroquiano hábil, que executava a tarefa, com muito amor e entusiasmo.

Em princípio de 1940, uma família católica, honesta e trabalhadora, unida sob todos os pontos de vista, procedente de Gaspar, implantou-se na localidade de Sa-

xônia, Bairro de Ascurra. O pai Nicolau, a mãe Maria Amélia Welplos Pitz, e os filhos José, Paulo, Elza, Marta, Pedro e Áurea, empregavam seu tempo nos serviços da lavoura, no cultivo da terra, com exceção da caçula Áurea, que ingressou no Colégio das Irmãs Salesianas de Rio do Sul, para seguir a carreira religiosa, sendo, anos após, transferida para o Colégio Santa Inês, em São Paulo.

Nicolau, logo no início da sua implantação com a família em Ascurra, substituiu os antigos leiloeiros e fazia a arrematação dos donativos oferecidos pelos moradores das localidades subordinadas à sede do Distrito, a quem oferecesse o maior lance. Envolveu-se nesse trabalho, na Igreja Matriz e nas Capelas da Saxônia, Sagrada Família e São Roque. Dona Maria, aplicava toda a sua atenção, com amor, em serviços e utensílios da cozinha, até dias depois das festas, afim de deixar em ordem tudo o que havia utilizado, antes e durante os festejos. Os filhos também davam tudo de si, nos momentos mais intensos das celebrações, objetivando bons resultados para a Igreja. Os recursos advindos destas solenidades eram aplicados em investimentos, buscando aumentar o conforto material das igrejas. Essa família, via, que a coesão de esforços facilitaria o trabalho de todos. Sem dúvida, os Pitz deixaram um vazio no coração da gente ascurrense. Os laços de consistentes amizades têm-se aumentado na proporção do tempo em que permaneceram nessa localidade. Em fins de 1949, pai, mãe e filhos deixaram Ascurra para emigrar ao município de Joinville, atraídos todos, pelas planícies extensas situadas em seu interior e pelo complexo industrial em grande expansão, e

sobretudo, visando uma melhora nas suas condições econômicas. Os filhos, porém, após meses, abraçaram outros meios de vida junto ao setor industrial, com exceção de José que continuou no amanho da terra, cultivando arrozeiras. O Bairro Iririú acolheu quase toda a família Pitz. A caçula Áurea, deixou o seminário e retornou à casa dos pais, em Joinville, onde durante dois anos, exerceu o magistério. Posteriormente, mudou-se ela para Blumenau e empregou-se no comércio. Casou com Alfredo Pfuetzenreuter, sócio proprietário dos supermercados Pfuetzenreuter, em 25 de fevereiro de 1956, de cujo matrimônio nasceram quatro filhos: Sandra, Solange, Edson e Édio. Este faleceu com a idade de trinta e três anos, em 14 de janeiro de 1994, deixando a esposa Márcia com um casal de filhos.

Fizemos este registro em razão de terem eles colaborado e trabalhado com vontade e entusiasmo para o bem da comunidade de Ascurra. Deram muito de si para a

igreja, cujo exemplo é dignificante e por todos nós deve ser seguido.

Antônio Borges de Jesus, assumiu o cargo de Intendente Distrital de Ascurra, na administração municipal do Prefeito nomeado, João Maria de Araujo, do município de Indaial, de maio de 1942 a 30 novembro de 1944. Procedente de Florianópolis, fixou residência na Vila de Ascurra, durante o tempo em que permaneceu na Intendência. Na campanha de nacionalização dos núcleos de colonização estrangeira, dificilmente, os descendentes de italianos, alemães e polacos, eram admitidos para exercerem funções públicas. Isso ocorreu com o Escrivão de Paz de Ascurra, cujo titular, Francisco da Cunha Silveira Filho, era natural da capital do Estado. Tanto Antônio Borges de Jesus quanto o escrivão de Paz, Francisco da Cunha Silveira Filho, no exercício das suas funções, deram um atendimento satisfatório à população do Distrito.

Nos próximos números desta Revista «Blumenau em Cadernos», Homenagem aos

- Discípulos de Dom Bosco;
- Diretores do Colégio «São Paulo» e os
- Vigários da Paróquia de Ascurra.

REMINISCÊNCIAS...

A casa do vovô Müller, carinhosamente chamado de OPAPA (pai grande) ficava na rua que segue em direção à Ponte de Arcos. Era uma casa muito grande, com tijolos à vista, janelas grandes e rodada de um amplo e belíssimo jardim e pomar. No sótão, três quartos grandes, servindo de dormitório aos filhos. Na frente, a entrada principal, pequeno sa-

guão, com um banco pintado de verde, onde, em noites agradáveis, reuniam-se para o descanso, comentando a labuta diária, os fatos mais importantes, trocando opiniões, achando soluções. Eram horas muito alegres e gostosas, pois vovô Müller era muito espirituoso e alegre.

Havia a sala de visita, só usada em ocasiões especiais, com seus móveis fei-

tos em canela preta por um irmão de vovô Müller. Estes móveis davam um ar solene ao ambiente e, até hoje conservam o estofamento original, encontrando-se na casa de sua neta, Dra. Wilburga Müller, médica aposentada, residente em Coqueiros-Itaguaçu, em Florianópolis.

No outro lado, também uma sala muito ampla com suas duas cadeiras de balanço próximo a cada janela. Era o lugar preferido de vovó Adele Müller que, já viúva, gostava muito de sentar, ao anoitecer, ficando a meditar, recordando tempos passados e felizes. Havia ainda nesta sala uma mesa oval, toda torneada, também fabricada pelo irmão de vovô Müller, e com seis cadeiras. Esta mesa e as seis cadeiras encontram-se em minha residência, em Blumenau. Era nesta sala que se festejava o Natal e onde a família se reunia nas festividades. Durante muito tempo, de 1928 a 1939, funcionou nesta sala, a Agência dos Correios e Telégrafos de Indaial e, da qual, a filha mais moça de Müller — Kaethe Müller, era a agente federal, devidamente nomeada.

Havia ainda o quarto de hóspedes e, no lado oposto, o dormitório dos avós. Nos fundos, a sala enorme para as refeições e, onde também ficava a máquina de costura de vovó. Finalmente, a cozinha com seu fogão à lenha, seus armários, bancos e mesa, tudo muito rústico e simples, como era hábito na época, não faltando a dispensa, onde eram guardados os alimentos, eis que não se conhecia nem havia geladeira.

A casa era separada do rancho por uma enorme parreira, que na época do início do verão, dava os mais belos e saborosos cachos de uva. No rancho ficava o poço que fornecia uma água pura e cristalina; o lugar para lavar roupa, o tacho de cobre e um forno à lenha para assar o pão, os bolos e docinhos. Ainda um compartimento separado, onde ficava uma grande banheira de madeira. Neste rancho também era guardado o produto da roça: milho, aipim, bananas, batatas, o estábulo e a máquina de cortar trato para os cava-

tos. Ainda os galinheiros, o chiqueiro e, finalmente, as instalações sanitárias, rudimentares que eram chamadas por vovó de "tante maia". O jardim, que beleza, com flores e plantas ornamentais de todos os tipos, o pomar com as mais variadas árvores frutíferas e a horta, onde era plantado toda qualidade e quantidade de verduras.

Era um prazer poder estar neste jardim e colher, sob orientação de vovó, o que as plantas forneciam: seja flores, frutos ou verduras.

O que mais me impressionou no jardim de vovó e vovó foram os três canteiros em forma de: cruz, coração e âncora, que simbolizavam: a fé, a caridade (amor) e a esperança, pois vovó me ensinou: cultiva estas três virtudes, elas te darão a liberdade.

Uma área gramada, o pasto, separava o pomar da parte mais linda da propriedade: a floresta — ou — o mato nativo, conservado com suas árvores milenares, de porte altivo e cheios de orquídeas e bromélias. Era a floresta virgem conservada e, onde ainda foram plantadas espécies que Dr. Fritz Müller, o naturalista e seu irmão Augusto, juntamente com Dr. Blumenau haviam introduzido das partes mais remotas e diversas de outras regiões tropicais do globo.

Numa clareira nesta floresta, vovó construiu um carramanchão onde se reuniam os amigos e familiares para festejos e reuniões e, onde realmente se conseguia relaxar, dentro desta bela e exuberante natureza. Um pequeno correjo, represado, formou um pequeno charco, que nós denominamos de lagoa e, onde peixes e sapos tinham liberdade para viver. Uma "ponte" permitia a chegada à outra margem. Esta floresta foi a mais bonita e da qual guardo as mais belas e gratas recordações de minha infância. Brincávamos, todos os netos de vovó, nesta floresta. Foi lá que aprendi a amar o verde, as árvores; foi lá que tomei consciência da importância do verde, da clorofila e a purificação do ar; foi nesta floresta,

que aprendi a conviver com os seus habitantes: os pássaros, os insetos das mais variadas espécies, borboletas, e, até dos sapos que se escondiam entre as folhagens; foi lá que aprendi a não temer o que é da natureza, inclusive as cobras, que, ao primeiro sinal de aproximação, pela vibração do solo por nossos pés descalços, fugiam e, não atacavam. Foi lá que aprendi a não chorar quando um espinho se enterrava no meu pé ou arranhou parte do meu corpo e, aceitava com resignação os castigos impostos quando vinha com a roupa rasgada pelos espinhos da floresta. E, onde está este belíssimo recanto: só vive na minha lembrança e, na de outros netos de vovô Müller. Porque? Os sucessores lotearam a área e, o resultado está lá...

A casa de vovô e vovó Müller era um lugar muito frequentado não só pelos familiares, mas também por amigos e sócios das sociedades, e, políticos. Isto porque o casal sempre foi muito ativo. Teve uma interrupção brusca com a morte

de Vovô, que, faleceu em consequência de acidente com um coletivo que fazia a comunicação Indaial-Blumenau, a Viação Hasse. Naquela ocasião os ônibus eram abertos lateralmente e, dando lugar a outro, vovô tombou; uma fratura no crânio não o deixou sobreviver por mais de cinco meses. Vovô continuou a viver no casarão; mas, após sua morte, a propriedade foi vendida aos atuais proprietários. Nunca mais vi a casa que foi de meus avós.

Mas, desde a sua construção até os dias de hoje, o casarão continua a resistir ao tempo, com todo orgulho que sempre teve e, bem merece ser preservado e transformado em museu para abrigar pertences e a memória da história de Indaial, mostrando assim aos filhos desta progressista cidade, o valor de seus antepassados, permitindo que se possam orgulhar e ufanar deste torrão pátrio: a ddivosa, rica e hospitaleira — Indaial!

Orla Kadletz

Neta de Fritz Müller

REGISTROS DE TOMBO DE RODEIO (V)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Ano de 1927

1. Provisões de faculdades e coadju-tadores, em 28.02.

2. Provisão para a celebração de missa no Oratório de Nossa Senhora do Caravaggio, em 02.03.

3. Provisão para celebração de missa no oratório de São João, em 19.02.

4. Provisão para a celebração de missa na escola em São Pedrinho, em 14.09.

5. Provisão para saídas com imagens de N. Sra. do Rosário e N. Sra. das Do-res, em 14.09.

6. Provisão para bênção de imagens, em 19.10.

7. Provisão para batismo em casa particular, em 19.10.

8. Provisão para celebração de missa na escola das catequistas.

9. Movimento religioso de 1927: Batizados (275), Casamentos (41), Confissões (31.193), Comunhões (44.075), 1^{as}. Comunhões (85), Visitas aos enfermos (118).

Ano de 1928

1. Provisão de confessor extraordinário ao Pe. Januário Bauer, em 04.02.

2. Provisão de nomeação dos fabriqueiros para as capelas de Pinheiro o Ipiranga, em 04.02.

3. Faculdades de coadju-tadores e ao vigário, em 28.02.

4. Provisão para missas nas escolas de Estradinha e Pinheiro, em 14.02.

5. Provisão para troca de um terreno, em 05.11.1927.

6. 21. Diversas provisões referentes às escolas paroquiais, dispensas matrimoniais e missas (em diversas datas).

22. Construção de 4 oratórios na Estrada Geral de Rodeio, com despacho episcopal de autorização.

23. Demolição da Igreja velha de Santa Maria.

24. Reabertura da escola do governo em Santa Maria.

25. Provisão para a celebração de missa na escola da Estradinha, em 05.09.

26. Licença para erigir Via Sacra na Capela das Irmãs Salesianas, em 05.09.

27. Provisão que permite a procissão de N. Sra. das Dores e do Rosário, em 05.09.

28. Provisão para admissão de novo católico, em 05.09.

29. Provisão para construção de uma Igreja em Rio dos Cedros, em 15.12.

30. Provisão para admissão de novos católicos, em 17.12.

31. Provisão para a construção de uma capela no lugar chamado Benedito, em 20.10.1926.

32. Provisão para celebração de missa no colégio das catequistas, em 25.12.

33. Movimento religioso de 1928: Batizados (258), Casamentos (48), Confissões (23.227), Comunhões (46.433), Unções (85).

34. Sobre as vestes usadas na Igreja, negação da comunhão aos que não se trajam convenientemente.

35. Término dos exames nas escolas paroquiais.

36. Modificações e melhoramentos nas capelas de Diamantina, Santa Maria, Rio Morto, S. Antônio.

37. Missão na Paróquia, de 8 a 16 de dezembro.

38. Pagamentos realizados à Cúria.

Ano de 1929

1. 5. Provisões do vigário, coadjutores, faculdades e celebração de missas, em 28.02.

6. Provisão para a admissão de novo católico, em 31.10.

7. Provisão para exposição da Cus-

tódia, em 13.05.

8. Nomeação de confessor ordinário para as Irmãs da Divina Providência, em 15.02.

9. Exposição do SS. Sacramento, em 03.06.

10. Licença para bênção da Capela de S. Antônio, em 03.06.

11. Licença para benzer e erigir Via Sacra na Capela de Santa Maria, em 03.07.

12. Provisão para visitas às capelas, em 22.07.

13. Provisão de procissão na festa de S. Antônio e S. Virgílio em 03.06.

14. Licença para erigir Via sacra e provisão para celebração de missa, em 22.04.

15. 16. Provisões para celebração de missas (São João e Arapongas), em 26.06.

17. Conclusão da Igreja de S. Antônio, em 23.07.

18. Provisão de dispensa de consanguinidade, em 18.03.

19. Sagração de Dom Pio de Freitas, em 09.06.

20. Tomada de posse, em 18.08.

21. Provisão de dispensa de afinidade, em 15.11.

22. Movimento religioso de 1929: Casamentos (50), Batizados (250), Visitas aos doentes (110), Confissões (27.930), Comunhões (55.504).

23. Relaxamento no fervor religioso de algumas práticas.

24. Aperfeiçoamento na Matriz, Santo Antônio, Nossa Senhora do Loreto e Diamantina.

25. Conclusão das atividades das escolas paroquiais.

26. Associação das catequistas e escola noturna.

Ano de 1930

1. Provisão de nomeação do vigário como consultor diocesano em 04.01.

2. Provisão para bênção de imagens, em 15.01.

3. 4. Provisões de faculdades, em 13.02.

5. Provisões para numerar, rubricar, e encerrar um livro para batizados, em

20.04.

6. Celebração de missa em Pinheiro, em 14.05.

7. Termo da Visita Pastoral de Dom Pio, em 05.06.

8. Provisão de coadjutor a Fr. Bonifácio, em 13.02.

9. Solicitação de informação a respeito de um aluno do Colégio Seráfico, em 10.03.

10. Provisão de faculdades na Província Eclesiástica dada por Dom Joaquim, em 10.03.

11. Faculdades de vigário missionário ao Pe. Bruno Linden, em 28.02.

12. Provisão para expor o SS. Sacramento, em 25.02.

13. Provisão para recepção de um novo católico, em 18.06.

14. Provisão para procissão com imagens, em 18.06.

15. Provisão de dispensa de consanguinidade, em 09.07.

16. Provisão de visitas às capelas, em 01.08.

17. Provisão para recepção de um novo católico, em 25.09.

18. Provisão para procissão com imagens, em 12.09.

19. Provisão para expor o SS. Sacramento, em 12.09.

20. Provisão para admissão de novo católico, em 09.12.

21. Movimento religioso de 1930: 5 Visitas de Dom Pio, Escolas das Irmãs catequistas, transferência de Fr. Bonifácio. Chegada de Fr. Cyrillo. Término da Igreja de Santa Maria e fundação das Congregações Marianas. Hospital. Vigário de Rodeio. Bancos novos nas Capelas de Diamante e Rio Morto. Instalação da luz elétrica. Revolução. Administração da Paróquia.

Confissões (25.728), Comunhões (59.565), 1^{as}. comunhões (148), Visitas aos doentes (88), Batizados (313), Casamentos (42).

Ano de 1931

1. Dispensa de parentesco, em 02.06.1930.

2. Provisão para cantar o Te Deum, em 13.12.1930.

3. Provisões para os coadjutores, em 10.01.

4. Provisão das faculdades, em 10.01.

5. Provisões das capelas, em 10.01.

6. Provisão para recepção de um novo católico, em 23.01.

7. Provisão para o vigário ausentar-se da paróquia, em 16.2.

8. 10. Dispensas matrimoniais (diversas datas).

11. Provisão para erigir e benzer Via Sacra em diversas capelas, em 27.03.

12. Dispensa matrimonial, em 27.03.

13. Provisão de confessor extraordinário em favor de Pe. Januário Bauer, em 03.06.

14. Provisão para procissão com imagens, em 10.06.

15. Provisão para dar o hábito de catequista a uma aspirante em 10.06.

16. Provisão para celebração de missa, em 10.06.

17. Sobre a obra da Propagação da Fé.

18. Sobre a 1^a. Comunhão de crianças e sua preparação.

19. Sobre as conversões e instruções para tanto. Nomes dos que ingressaram na Igreja Católica.

20. Provisão para celebrar e administrar os sacramentos em diversas capelas, em 17.08.

21. Licença para a ausência do vigário, em 03.09.

22. Dispensa de consanguinidade, em 03.09.

23. Petição para angariar donativos para as catequistas, em 01.09.

24. Dispensa de consanguinidade, em 07.07.

25. Movimento religioso de 1931: Conferências. Música. Cantores. Visitas do Bispo. Dispensas e Provisões. Confissões (22.955), Comunhões (58.297), 1^{as}. Comunhões (172), Visitas aos doentes (124), Casamentos (57), Batizados (320).

Reminiscências em correspondência

Com satisfação recebemos correspondência do nosso prestimoso colaborador, o blumenauense Siegfried Carlos Wahle, residindo em São Paulo, o qual, inspirado no que narramos na edição de junho (nº. 6), às páginas 170 e 171, acrescenta mais as memórias que a seguir publicamos, constante de sua carta de 03 de agosto corrente. Ei-la:

«Blumenau em Cadernos»

«Prezado Senhor José Gonçalves

Assunto: Seu Artigo pág. 170, junho 1995. «Saudosismo»

Com muita satisfação li o seu artigo **Saudosimo**, que me fez retroceder muitas décadas. Lembro-me bem dos carrinhos de 4 rodas, com xalmas nas laterais, com um cambão com uma cruzeta na ponta para se poder puxar o mesmo. Este carrinho muito usado, em Blumenau chamava-se «Leiterwagen», que traduzido vem a ser carro com xalmas. Na casa de meu pai também havia este carro para fazer entregas e apanhar pacotes no correio. Este carro era operado por um funcionário, oriundo da colônia e chamava-se Erich Liesenberg. Erich além de trabalhar na Livraria Wahle, também fazia o curso de guarda-livros no Colégio Santo Antônio, à noite.

O seu artigo trouxe à minha memória, um fato que ocorreu durante a enchente de 1927. Esta enchente extravasou a rua 15 de Novembro, desde o Hotel Holetz até a altura da Casa Klein, um pouco acima do cruzamento da rua 15 com a rua Mal. Floriano Peixoto. Isto fazia com que a ponte de madeira sobre o ribeirão Bom Retiro ficasse submersa em quase 75 cm, na altura da Casa Blohm. Nesta época ainda não existia a confeitaria Socher. Poucas pessoas aventuravam-se a atravessar esta ponte, pois as tábuas do passadiço lateral para pedestres não ofereciam segurança, e a água estava toda amarelada.

Aos 10 anos de idade, fui até a ponte em companhia de Arnaldo Michels de 11 anos de idade, filho do dono da Casa São José. Arnaldo criado em uma ferraria em Indaial, antes da família transferir-se para Blumenau era um menino excepcionalmente forte. Fomos até a ponte sobre o ribeirão Bom Retiro, então conhecida como Blohm's Kanal, para satisfazer a nossa curiosidade. Uns 4 a 5m na nossa frente ia um senhor, até as nádegas n'água, tomando todo o cuidado, mas de repente, pisando em falso, onde faltavam tábuas no passadiço, ele desapareceu e ficou casualmente segurando-se só com uma mão numa coluna do corrimão. Arnaldo, com um reflexo fora do comum, pulou e segurou o braço, puxando-o para si, e aos poucos começava aparecer a cabeça, até que com a ajuda da própria vítima, conseguiu trazer o homem, totalmente a tona. Nunca chegamos a saber quem era este homem. Ele agradeceu muito e completamente encharcado procurou o seu caminho.

Ao ler o seu artigo, lembrei-me do saudoso Conrado Balsini. Toda a tarde passava pelo menos uma hora na loja do meu pai. Sempre

tinha uma conversa agradável. Certa ocasião afirmara que quem tivesse tomado a água de Blumenau, ou ficaria morando em Blumenau ou quando saísse de Blumenau ficaria com o gosto d'água atravessado na garganta até o resto de sua vida.

Prezado Sr. Gonçalves, cumprimento-o pelo seu artigo.

Atenciosamente
Siegfried Carlos Wahle».

Jubileu em Encano Baixo

O Encano, vulgarmente conhecido por «Kannebach», está localizado na estrada geral que vai de Blumenau em direção a Indaial. Se for de trem da Estrada de Ferro, leva-se até lá 45 minutos. Um pouco antes da foz do Ribeirão Encano se forma uma cachoeira que fornece energia à Indústria.

No alto da margem esquerda está uma tecelagem, e na margem direita se localiza a Fecularia Lorenz.

Para os católicos de Blumenau, o Encano tem o seu valor simbólico. Os colonos que ali moravam, ergueram a capela de São Bonifácio e o inesquecível Pe. Carl Boegershausen, que na época atendia Joinville e Blumenau, inaugurou em janeiro de 1875, aquela casa de Deus.

A primeira missão do Padre José Maria Jacobs, foi pregada no período de 04 a 11 de novembro no Encano e posteriormente ele passou a atender com regularidade aquela comunidade.

Na entrada da «Paustiefe» residia o Sr. Johann Tillmann, que cuidava da Capela e alojava o Padre. As aulas de catecismo eram dadas debaixo de uma grande figueira.

Todos os habitantes de lá se relacionavam com a capela, pois os

cultos, casamentos, batismos e sepultamentos no cemitério anexo eram realizados ali.

Em 1906, no lugar da capela São Bonifácio, construída em madeira, deu lugar a uma nova construção, maior e em estilo enxaimel.

Mais tarde instalou-se na capela uma Escola Paroquial. O primeiro Professor foi o Sr. Josef Wamser, hoje (1930) está com 81 anos. As aulas tiveram início no dia 1º de abril.

Sucedeu-o o Professor Benno Frenzel, para o qual a comunidade construiu uma residência.

Depois veio o professor Eugen Hettrich e mais tarde o professor Florentin Vetter, falecido em 11 de novembro de 1928.

Quando construiu-se a torre que embelezou a capela, a Escola transferiu-se para a residência do Professor, que por sua vez fora ampliada com uma construção de madeira.

Neste ano (1930), por ocasião da passagem dos seus 25 anos, o P. Dionysius Mebus O.F.M. concitou a comunidade a construir uma nova Escola. O apelo foi atendido e temporariamente a Escola foi transferida para a capela. A velha escola foi demolida, o engenheiro M. Kaulich, genro do Prof. Frenzel, fez um belo projeto que

fora aprovado por todos os associados. O material para a construção foi em grande parte doado e os serviços de remoção de terras e ajudante foi feito por voluntários. A inauguração será no dia 17 de agosto. Este dia trará muita alegria para a pequena comunidade. A escola é um enfeite para toda a região. O belo frontispício está voltado para a Estrada Geral e a linha da E.F.S.C. A escola tem uma largura de 9 metros e 13m de altura. Atrás dos arcos está uma varanda, na direita; e a esquerda, está um quarto. As laterais medem 17 metros dos quais 10 metros são tomados por corredores. A sala de aula é espaçosa e fica no meio, junto a parede dos fundos há 2 quartos e um palco.

O aspecto geral é agradável,

colunas brancas, paredes amarelas são intercaladas com outras cores.

O terreno bem nivelado realça e causa boa impressão. Não se pode deixar de falar da rica comunidade católica escolar de Encano Baixo, o número de seus associados não ultrapassa 40 e não há no seu meio nenhum capitalista ou atacadista. Todos são colonos ou obreiros que com sacrifício e trabalho edificaram uma obra em conjunto e em harmonia.

Que a ajuda de São Bonifácio, o apóstolo dos alemães, mantenha este valioso espírito comunitário.

Nosso agradecimento a todos que colaboraram: VIVAT CRESCAT FLOREAT.

Fonte: «Blumenauer Zeitung»
— 30.09.1930.

Tradução: C.W.H.

FIGURA DO PASSADO

(EM CAPÍTULOS)

CARL WAHLE - um nome ligado à história de Blumenau

(I)

S.C. Wahle - 1995

Em doze de novembro de 1957, Blumenau presenciou o maior funeral de toda a sua história. Tratava-se de Carl Wahle: meu pai.

Carl Wahle nasceu em Meschede (Westfália-Alemanha), aos 4 de abril de 1882, batizado com o nome de Franz Joseph **Carl** Gustav Wahle. Desde pequeno passou a atender pelo nome de Carl. Era filho de Carl Wahle e Theresia Wahle, nascida Korte. O pai ocupava o cargo de reitor do ginásio de

Meschede. Carl Wahle passou a infância e juventude em Meschede, onde também concluiu o Ginásio.

Começou os estudos de direito na Universidade de Marburg, interrompendo-os por ter que prestar serviço militar obrigatório na época. Em 1905 deveria regressar aos estudos, mas um desentendimento entre a França e a Alemanha, motivou ao governo alemão colocar as tropas de prontidão, obrigando todos àqueles que estavam terminan-

do o serviço militar a continuar por mais um ano. Durante o tempo em que as tropas ficaram de prontidão, Carl Wahle fora vítima das consequências de um raio, de uma tempestade que atingira uma linha telefônica, obrigando-o a ser hospitalizado e, como consequência ficou com a perna esquerda um pouco atrofiada, fazendo com que a puxasse um pouco enquanto andava. Isto terminou com o serviço militar e os estudos também não tiveram continuação.

Nesta ocasião despertou em Carl Wahle o desejo de ocupar um posto na administração das colônias do império alemão. Procurou ser aproveitado no Arquipélago de Bismark, no Pacífico, então pertencente à Alemanha. Como se tratava de uma colônia constituída apenas de algumas ilhas, não havia na oportunidade posições vagas. Isto fez com que mudasse de interesse pelo menos por algum tempo e, resolveu dirigir-se à América do Sul, começando pelo Amazonas. Conseguiu em 1906, um emprego na exploração da borracha nas imediações do Rio Gi-Paraná (Acre). Por lá as coisas também não foram boas pois, depois de um ano, foi surpreendido pela notícia da falência da empregadora na Inglaterra. Decidiu seguir para Argentina, atravessando o interior do Brasil, passando pelo Paraguai e de lá por navio fluvial à Buenos Aires. Na Argentina conseguiu uma ocupação como comprador de trigo (principal produto exportado pela Argentina). Aproveitou seus conhecimentos literários da língua alemã, ajudando ao Padre Johannes Holzer a traduzir para o alemão as obras de Hugo Vast, então um escritor em moda na Argentina.

As notícias, que vinham da Alemanha, davam conta que esta-

vam-se abrindo possibilidades de poder ingressar nos serviços coloniais do Império Alemão e, com grandes probabilidades para a área do pacífico. Carl Wahle tomou a iniciativa de voltar à Alemanha. Entretanto não queria perder a oportunidade na viagem de volta, de visitar seu primo, Frei Luciano Korte O.F.M., então vigário de Rodeio, um distrito de Blumenau. Rodeio era uma colonização de italianos. Como os habitantes de Rodeio, estavam em constante conflito com os padres italianos que lá abordassem, Roma resolveu colocar a testa da Igreja de Rodeio um padre equilibrado, escolhendo Frei Luciano, que estava em Roma e dominava bem o idioma italiano. Esta escolha deu bons resultados.

Depois de passar algum tempo em Blumenau, e, preparando-se para prosseguir a viagem, foi deflagrada a guerra em agosto de 1914. Apesar de ter tentado voltar à Alemanha viu-se impossibilitado, devido ao bloqueio marítimo dos ingleses. Todos aqueles que tentaram, acabaram na ilha de Man no Mar da Irlanda.

Permanecendo em Blumenau, entrou pela primeira vez em choque com blumenauenses por motivos políticos. Os Srs. G.A. Koehler e Fouquet, respectivamente proprietário e redator chefe do jornal «Der Urwaldsbote» encabeçavam um movimento denominado «Pangermanismo», que representava uma doutrina da união política de todas as populações de raça alemã. Muita gente boa de Blumenau participava aberta, ou discretamente deste movimento. Havia aqueles que possuíam muitos recursos, ficavam em cima do muro. Este movimento criou uma grande antipatia nos habitantes luso-brasileiros, bem como no resto do Estado. Carl

Wahle opôs-se frontalmente a este movimento. Como não possuía a ajuda de um jornal, não perdia a oportunidade de esclarecer a todos que o procuravam, que o pangermanismo era um pensamento doentio e que não representava o pensamento do governo alemão, e sim de uma facção política na Alemanha. Durante a guerra, e sobretudo depois da participação do Brasil na mesma, este movimento praticamente desapareceu. De repente não se falava mais nele.

Ofereceram ao meu pai um cargo de professor no Colégio Santo Antônio onde ele introduziu ginástica ao ar livre, ensinava história, alemão, grego e história militar das Guerras. Como o Brasil também passou a participar da guerra ao lado dos aliados, foi preciso reequacionar as matérias no Colégio, passando a lecionar outras disciplinas ocasionalmente.

Em 26 de janeiro de 1915 casou-se com Minny Moeller. Em 15 de novembro de 1915 nasceu a primogênita Waldetrudis. Siegfried Carlos nasceu em 6 de março de 1917. Edeltrude nasceu em 29 de dezembro de 1918. Em 18 de outubro de 1920 nasceu Carl Friedrich.

Em 1921, constatou que com o salário de professor não se sobrevive e, montou uma loja de papelaria e livraria, principalmente dirigida às necessidades escolares. Em 1923 deixou o professorado e passou a dedicar-se exclusivamente aos interesses da loja.

Em janeiro de 1923 perdeu o seu filho Carl Friedrich, vítima de difteria.

Durante o tempo em que exercia o professorado, dedicava-se, paralelamente com Frei Estanislau Schaette O.F.M. a estudar as condições de vida dos colonos. Todos os domingos e feriados iam os dois,

a cavalo, visitar os colonos e anotando tudo que de interessante vinha a tona. Meu pai costumava dizer, ninguém conhecia tão bem e defendia tanto os colonos como Frei Estanislau.

Ao deixar o professorado o meu pai passou a dedicar-se exclusivamente à sua loja.

A loja ocupava a metade de uma casa geminada, que era, na realidade, a residência de professor do Colégio. Esta casa ficava em frente à antiga igreja matriz de Blumenau, à Rua 15 de Novembro. Nesta época a rua principal tinha o seu leito de macadame, e as calçadas em parte ainda eram de tábuas, como em frente da Casa Meyer, a ponte sobre o Ribeirão Bom Retiro (Blohm's Kanal), a ponte sobre o Garcia, a varanda da Casa de União de São José, e outros trechos.

Como meu pai deixara o professorado, tinha a obrigação devolver a casa à diretoria do Colégio. Mas, esta fôra muito compreensível, dando um prazo de dois anos para a mudança, tempo suficiente para construir uma casa própria. Comprou dos Padres um terreno de 36m de frente, limitando por um lado com a Casa da União de São José, e de outro com a residência dos professores, tendo como frente a Rua 15 de Novembro, e como fundos o Rio Itajaí Açu.

Contratou-se um desenhista que fez o projeto da casa, constante de um sub-sólo, com previsão para uma tipografia, um pavimento térreo destinado para as lojas, um segundo andar, destinado à residência da família, e mais um sótão que também servia de moradia. Foram contratados os Srs. Brueckheimer como empreiteiro geral e Musiker como responsável pelos trabalhos de carpintaria. (Continua)

A ESCRAVIDÃO NO BRASIL

(Primeira parte)

ELLY HERKENHOFF (*)

Sob o título original alemão «Die Sklaverei in Brasilien» foi publicado o artigo abaixo no «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia) dos dias 17 de junho e 1, 15 e 22 de julho de 1871 ou seja, poucas semanas antes da proclamação da Lei do Ventre Livre. O artigo não traz o nome do autor, mas tudo leva a crer que tenha sido o jornalista e advogado Carl Julius Parucker, então editor responsável do jornal, fundado a 20 de dezembro de 1862, por Ottokar Doerffel, em Joinville.

Carl Julius Parucker nasceu a 2 de dezembro de 1826 na Saxônia, Alemanha e faleceu a 12 de abril de 1902 em Joinville. Tendo se formado em 1853 pela Universidade de Leipzig, veio para o Brasil em 1854 por motivos políticos e em 1856 naturalizou-se brasileiro. Foi professor em várias escolas rurais e a partir de 1861 professor e advogado em Desterro (Florianópolis). A partir de 1864 até 1876 tradutor oficial na Diretoria de Imigração do Rio de Janeiro e em 1870 voltou definitivamente para Joinville, onde assumiu a direção do «Kolonie-Zeitung» em janeiro de 1871, ao mesmo tempo em que voltou a advogar. Foi procurador da Câmara Municipal de Joinville, Coletor Imperial, Juiz de Paz e Delegado de Polícia por vários períodos. Condecorado pelo Imperador D. Pedro II com a Ordem da Rosa. Carl Julius Parucker foi um dos mais férteis poetas e assíduo colaborador do «Kolonie-Zeitung», mesmo depois de ter deixado a direção do jornal, em janeiro

de 1873, quando o «Kolonie-Zeitung» passou às mãos de Carl Wilhelm Boehm. A 9 de abril de 1855, Carl Julius Parucker se casou em Joinville, com Pauline Amalie Trinks, imigrada com seus pais e irmãos da mesma localidade e no mesmo veleiro, em novembro de 1854, tendo 14 filhos do seu matrimônio.

Eis a tradução da série de artigos publicados no «Kolonie-Zeitung»:

A ESCRAVIDÃO NO BRASIL (Primeira Parte)

(Publicada a 17 de junho de 1871)

O costume de escravizar os prisioneiros de guerra veio transmitido dos povos ateus aos povos cristãos. Deste modo, mesmo após a introdução do cristianismo, os povos europeus continuaram mantendo a escravatura, embora os princípios cristãos e o empenho da Igreja tivessem conseguido uma certa amenização no tratamento dos cativos. Somente a partir do Século XIII foi sendo abolido o costume de escravizar os prisioneiros de guerra — exceto no que se refere aos presos ateus. A legislação de Portugal demonstra, que no início do Século XVII foram escravizados soldados mouros, capturados pelos portugueses. Portanto, a escravização dos índios brasileiros — ateus que eram — por parte dos portugueses, correspondia tão somente aos costumes da época.

Logo após a descoberta de

Cabral, os donatários receberam as terras no Brasil das mãos do Rei D. João III em autos de doação, nas quais lhes era expressamente outorgado o direito da escravização dos indígenas, a fim de aproveitá-los no serviço ou exportá-los — em determinado número — para Portugal, onde eram vendidos.

Cabe aos jesuítas o mérito de terem tomado providências, visando a proteção dos pobres índios e terem se empenhado para arrancá-los dos grilhões da escravatura. O seu real discípulo, D. Sebastião — que mais tarde viria tombar na luta contra os mouros — foi o primeiro a tentar a limitação da escravatura dos indígenas brasileiros, criando a Lei de 20 de março de 1570, segundo a qual seriam livres todos aqueles não capturados em guerras justas — lei esta confirmada pelo Rei D. Felipe II, a 11 de novembro de 1595. O Rei Felipe III foi além, promulgando as Leis de 5 de junho de 1605 e 30 de julho do mesmo ano, segundo as quais mesmo os índios capturados em guerras justas, não mais poderiam ser escravizados.

Como, no entanto, os colonizadores portugueses levantassem protestações contra aquele dispositivo, D. Felipe III decidiu recuar na interdição absoluta, determinando, a exemplo de D. Sebastião, que somente os aprisionados em guerras justas poderiam ser escravizados, estabelecendo ao mesmo tempo as condições de uma tal «guerra justa». Além disso, porém, seria legal a escravização dos indígenas presos de outras tribos de índios, capturados ou comprados pelos colonizadores, sendo que a escravatura não poderia ultrapassar o espaço de 10 anos, nos casos comuns. No entanto, os colonos por-

tugueses de um modo geral pouco se importaram com as leis promulgadas em benefício dos indígenas, escravizando-os aos milhares, sempre que lhes era possível capturá-los. E como os jesuítas se erguessem contra tais abusos, foram eles repetidamente caçados, conforme se verificou principalmente em São Paulo.

O Rei D. João IV mais uma vez tentou estabelecer as regras da «guerra justa» contra os indígenas e amenizar a sua escravatura por uma Lei de 9 de abril de 1665, sem no entanto conseguir abrandar sensivelmente as condições existentes. Tampouco o Rei D. Pedro II obteve êxito, com a Lei de 1º de abril de 1680, que visava garantir plena liberdade aos índios e aos seus bens, assim como ao seu comércio. Foi somente a partir de 30 de dezembro de 1741, pela Bula do Papa Benedito XII e pelas Leis de D. João I, de 6 e 7 de junho de 1755 — as quais declaravam livres os indígenas, subordinados espiritualmente aos Bispos e politicamente aos Juizes — que a situação dos índios, até então proscritos, foi se modificando aos poucos, pondo fim a sua arbitrária escravização.

No entanto, mais uma vez se retornaria ao sistema antigo quando, pelas prescrições reais de 13 de maio e 5 de novembro de 1808, declarou-se guerra aos botocudos de Minas Gerais e aos bugres de São Paulo, determinando ao mesmo tempo, que os botocudos mineiros, uma vez capturados, seriam forçados à servidão aos chefes militares, pelo espaço de 10 anos ou mais e os bugres de São Paulo à servidão de 15 anos a qualquer soldado ou qualquer cidadão que os capturasse.

Tais prescrições foram por sua vez anuladas pela Lei de 27 de outubro de 1831, que veio libertar todos os indígenas da escravidão, declarando-os órfãos, subordinados à competência do Juizado de Órfãos e instruindo os Juizes de Paz no sentido de vigiarem a liberdade dos índios, combatendo quaisquer abusos. Hoje em dia não se admitem senão os meios pacíficos para induzir os índios a abandonar as suas florestas e aceitarem a civilização. Tanto o Governo Imperial como os Presidentes têm obrigação de promoverem a catequização e a fixação dos índios, sendo que o ato adicional do Art. 11, Parágrafo 5 da Constituição menciona especificamente a obrigação das Câmaras Provinciais, em colaboração com o Senado, de promoverem a catequização e a instrução dos indígenas.

Quando hoje se fala em abolição da escravatura, esta não mais se relaciona com os índios — totalmente livres — mas sim com os negros importados da África e seus descendentes.

Assim que teve início a colonização do Brasil, foram também importados negros da Guiné como escravos, porque estes, devido a sua constituição robusta, se prestavam mais aos trabalhos pesados, do que os índios, mais franzinos. Tal importação foi se avolumando, mais e mais, à medida que a lavoura se desenvolvia e a captura de índios foi sendo limitada e travada pelo governo. Embora a Lei de 19 de setembro de 1761 declarasse livres todos os escravos desembarcados em Portugal e a Lei de 16 de janeiro de 1773 abolisse inteiramente a escravatura no Reino de Portugal, continuou ela persistindo vigorosamente nas colônias

portuguesas e sobretudo no Brasil, onde a importação de negros crescia de ano para ano. E foi somente quando a Inglaterra proibiu a escravidão em suas colônias — ao mesmo tempo em que tomou medidas severas contra o tráfico de negros — e que teve início um certo progresso, favorecido pelo tratado com a Inglaterra de 22 de janeiro de 1815 e a convenção adicional de 28 de julho de 1817, nos quais Portugal se comprometia a coibir o tráfico nos portos da África. O Brasil se obrigava, pelo tratado de 23 de novembro de 1826 com a Inglaterra, a proibir o tráfico de africanos por parte dos brasileiros, 3 anos após a troca da ratificação do tratado, quando, a partir de então, o tráfico seria considerado pirataria. Para a execução do tratado, foi promulgada a Lei de 7 de março de 1831, que declarava livres todos os escravos aportados em território brasileiro, com exceção daqueles inscritos como marinheiros ou fugitivos de país estrangeiro. Segundo a mesma Lei, os traficantes sofreriam a pena de 3 a 9 anos de prisão, além da multa de 200 mil réis por cada escravo importado e do pagamento das despesas decorrentes da viagem de volta para a África. Ainda segundo a mesma lei, seria paga uma gratificação de 30 mil réis por cada escravo, a qualquer denunciante de tráfico de africanos ou de africanos já importados. Como, porém, o tráfico de africanos continuasse, mesmo após a promulgação da referida lei, novas medidas, mais severas ainda, foram tomadas, segundo a Lei de 4 de novembro de 1850 e os Decretos de 14 de outubro e 14 de novembro do mesmo ano, desferindo assim o golpe mortal ao tráfico de escravos para o Brasil. Ao mesmo tempo, os cru-

zadores ingleses iam aniquilando qualquer navio negreiro, sendo provável, que desde 1850 tenham sido pouquíssimas as tentativas de tráfico da África. E como nos últimos 10 anos não mais foram feitas quaisquer tentativas, poderemos afirmar com toda a convicção, que o tráfico para o Brasil foi definitivamente extinto. Pela disposição governamental de 10 de maio de 1856, foram também declarados livres os escravos que retornaram para o Brasil, depois de terem abandonado o Império, por ordem de seu dono ou por quaisquer outros motivos, exceto a fuga.

Quanto aos escravos que fugiram para o território de países vizinhos, com os quais o Brasil mantém convênios, a devolução aos seus donos será feita da seguinte maneira: 1) A respectiva petição deverá ser redigida diretamente pelo Governo Imperial ou pelo embaixador brasileiro, atuante no país em que o escravo se achar asilado ou 2) pelo Presidente da Província em que se achar domiciliado o dono do escravo ou 3) pelo dono do escravo, perante as autoridades do lugar em que se encontrar o fugitivo, caso o próprio dono ou um seu encarregado estiverem empenhados na perseguição do cativo. 4) Deverá ser anexada à petição o título de propriedade e 5) as despesas decorrentes da apreensão e devolução do fugitivo correm

por conta do reclamante. Tais convênios existem com o Uruguai (12 de outubro de 1851), Peru (23 de outubro de 1851) e Argentina (14 de dezembro de 1857). Devido à grande extensão da fronteira com o Uruguai — completamente aberta — e ainda pelo fato de muitas fazendas brasileiras de criação de gado se estenderem para dentro do território uruguaio, é absolutamente impossível admitir que qualquer escravo, que pisar em território uruguaio com permissão de seu senhor, seja de pronto liberto.

Assim sendo, os dois governos concordaram em estender a devolução dos escravos para os seguintes casos: 1º.) quando os escravos por simples acaso atravessarem a fronteira, com permissão de seu dono, por exemplo durante a perseguição de um animal desviado para o território oriental e 2º.) caso as propriedades de seu dono se estenderem para dentro do território uruguaio e consequentemente os escravos venham a pisar casualmente ou em serviço permanente, a parte das terras situadas em território oriental.

Eis aí um breve relato da escravatura até os mais recentes empenhos para a sua abolição no Brasil.

(*) Elly Herkenhoff, historiadora e tradutora do Arquivo Histórico de Joinville, é autora de vários livros.

ACONTECEU...

JULHO DE 1995

— DIA 1º. — O Brasil entrou no segundo ano do Plano Real. *** A novidade no ZOO de Brusque é o nascimento de um filhote de Anta, o segundo a nascer no cativeiro. *** Descobertas notas falsas de R\$ 50,00 em agências do BESC. *** A Fundação Municipal do Meio Ambiente proibiu, em portaria publicada, a visita temporária ao cume do morro Spitzkopf, medida que visa dar possibilidade à recuperação, pela ação da natureza, da vegetação na área queimada.

— DIA 02 — A ponte "Adolfo Konder", ligando a Av. Castelo Branco a Ponta Aguda, foi interditada para reparos. *** Um culto ecumênico com manifestação de protesto pela falta de um viaduto no trevo próximo à fábrica Dudalina, na BR-470, marcou a presença de mais de mil pessoas, moradores das proximidades. Neste cruzamento tem havido muitos acidentes nos últimos meses.

— DIA 03 — O Conselho Municipal de Entorpecentes (COMEN), promoveu a abertura do 1º. Curso de Formação de Monitores do Projeto Pró-Vida. O curso foi ministrado no Lar Rodeio, em Rodeio. *** Na assembléia do Conselho Nacional dos Secretários Municipais de Saúde, realizada em Maceió, o Secretário de Saúde de Blumenau, o médico Luiz Eduardo Caminha foi reeleito vice-presidente da entidade. *** Foi aberta licitação para a construção de muro de proteção a ser construído ao longo da avenida Beira Rio (Pres. Castelo Branco). *** Quatro homens armados assaltaram o Posto de Serviço do BESC do Bairro Garcia, roubando R\$ 2.118,00. *** A imprensa (JSC) destaca o prêmio recebido pelo ator blumenauense Marcelo Fernando de Souza — prêmio de melhor monólogo — conquistado no Concurso de Monólogos "Atriz Ana Maria Rego", realizado no Piauí. Marcelo pertence ao Grupo "Meu Grupo", de Blumenau.

— DIA 06 — No Bar Kriado, apresentou-se o cantor RENÊ, com o show "Itália Romântica".

— DIA 07 — Foi aberto o 9º. Festival Universitário de Teatro de Blumenau, no Teatro Carlos Gomes, com a participação de 18 Estados brasileiros, além de representações do Uruguai, Chile, Peru e Argentina. *** É destaque na imprensa (JSC), a visita feita ao 10º. Batalhão de Polícia Militar, do Gal. do Exército, comandante da 14ª. Brigada da Infantaria Militar, Marcelo Rufino dos Santos, fazendo uma inspeção geral naquela unidade sediada no bairro da Velha. *** O município de Corupá abriu festividades para comemorar a passagem de seus 98 anos de emancipação político-administrativa. *** As ruas do centro da cidade ficaram muito alagadas em face das chuvas torrenciais que desabaram sobre a cidade após longa estiagem. Houve transtornos no trânsito de veículos e em alguns bairros, ameaça de desabamento de casas por deslizamento de terra.

— DIA 09 — O Juiz da Vara da Família de Blumenau revelou que mensalmente entram mais de 40 (quarenta) ações de separação e divórcio em Blumenau, representando quase dois pedidos por dia. *** Uma multidão de fiéis compareceu ao santuário de Madre Paulina, na localidade de Vigolo, município de Nova Trento, para orar e homenageá-la pela memória, nos seus 53 anos de sua morte. *** A Feira da Amizade aberta, no Pavilhão C da PROEB, recebeu neste dia grande número de visitantes, garantindo mais um sucesso da iniciativa. *** O padre Mário Bonatti, descendente de quarta geração do patriarca Giovanni Batista Bonatti, lançou o livro "De Volta as Raízes — A Família Bonatti de Santa Catarina", com geral sucesso. *** Segundo foi relatado, uma gincana realizada por ocasião da promoção da Feira da Amizade, reuniu 150 participantes e durante a mesma foram arrecadados 270 cobertores e acolchoados, além de colchas e sacos de dormir e agasalhos, doativos que foram distribuídos às famílias carentes.

— DIA 12 — Uma estatística publicada, revela que em média 200 ocorrências

são registradas por mês na Delegacia da Mulher em Blumenau, sendo que 90% são de agressão à mulher e 10% agressão a menores.

— DIA 13 — No bar do Horácio, no Hotel Himmelblau, apresentou-se a "Noite do Chamego", com o cantor Fagundes e o pianista Zequinha. *** No hall de entrada do Saint Peter Residence, a Associação Blumenauense de Artistas Plásticos (BLUAP) promoveu a abertura de exposição de 18 expositores que apresentaram trabalhos selecionados em seus acervos particulares, dando mostras de que o meio artístico da cidade produz o que há de melhor. *** O artista plástico Tchello de Barros abriu exposição de seus trabalhos no Bar Kriado e outra no Salão La Francine.

— DIA 14 — Foram iniciados serviços de reparos na ponte situada na rua Martin Luther, sobre o ribeirão da Velha. *** O Prefeito Renato Vianna defende o Secretário Luiz Eduardo Caminha e diz que não vai afastá-lo da Secretaria. *** O município de Gaspar iniciou fiscalização intensa nos abatedouros locais, visando garantir a saúde da população com o fornecimento de carne de boa qualidade. *** A imprensa destaca a goleada do selecionado brasileiro contra o da Colômbia por 3 a 0, na Copa América. *** Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana, realizou-se um aplaudido espetáculo de canto gregoriano, música medieval e renascentista, na interpretação do aplaudido cantor Ricardo Sá e do não menos aplaudido Benevides. *** Foi autorizada pela prefeitura, a construção do prédio do Instituto de Olhos de Blumenau, na esquina das ruas Vidal Ramos e Floriano Peixoto, no centro. *** Em Luiz Alves, foi instalada oficialmente a 10ª. Festa Nacional da Cachaça. *** Escolares deram-se às mãos, ao longo da rua 7 de Setembro, numa grande corrente de protesto contra o crescimento dos crimes do trânsito em Blumenau. A iniciativa repercutiu favoravelmente entre a população. *** Nos últimos 12 meses, já haviam acontecido 12 mil casos de intoxicação causados pela ingestão de maionese contaminada com a bactéria salmonela.

— DIA 16 — O crescimento da criminalidade estimulou um movimento contra a violência de alguns segmentos da comunidade, os quais fizeram circular um abaixo-assinado reivindicando policiamento ostensivo nos bairros. *** O Presidente dos Correios, Henrique Hargreaves, visitou Blumenau, fiscalizando a agência local. *** Encerrou-se a 9ª. edição do Festival Universitário de Teatro de Blumenau, com saldo bastante positivo.

— DIA 16 — Um violento incêndio destruiu parcialmente um depósito de bebidas situado no bairro Badenfurt, de propriedade do Sr. Ignas Mass.

— DIA 18 — Na sede do SENAC, no bairro Ponta Aguda, foi iniciado o curso de Oratória "Fala Eficaz". O curso objetivou desenvolver a autoconfiança. *** O Aero Clube de Blumenau abriu novo curso para a formação de pilotos.

— DIA 19 — Segundo estatísticas publicadas, as exportações de Santa Catarina aumentaram 10,92% este ano em relação a 1994, ou seja, de US\$1,09 para US\$ 1,2 bilhões. Nossos principais mercados foram: Estados Unidos, Alemanha, Argentina e Japão. *** De acordo com declarações do Secretário de Saúde Luiz E. Caminha, o desenvolvimento da AIDs em Blumenau aponta para uma tendência de crescimento, apesar dos esforços da saúde pública na educação do povo para

impedir este drama. *** Foi aberta na PROEB a II Feira do Empreendedor. *** No Salão Centenário do Teatro Carlos Gomes, foi aberto o II Salão Elke Hering, contando com 136 inscrições e 68 obras escolhidas de 31 artistas para a seleção final. Foi mais um sucesso. Cumprimentos aos organizadores. *** Chegou a Blumenau o Sr. Othmar Kremser, diretor do Instituto Hans Staden, sediado em São Paulo, para uma visita à Fundação "Casa Dr. Blumenau" e outros setores da vida cultural blumenauense. *** Estatísticas divulgam que, numa blitz realizada por fiscais da Vigilância Sanitária de Blumenau a lojas de produtos macrobióticos e farmácias, foram retirados das estantes e apreendidos 80 (oitenta) quilos de remédios sem bula e indicação de validade. *** O município de Penha completou 37 anos de emancipação político-administrativa, com diversas comemorações.

— DIA 20 — No Viena Park Hotel reuniram-se empresários de micro e pequenas empresas da região para tratar de importantes assuntos relacionados com a classe. *** O município de Balneário Camboriú comemorou a passagem de seus 31 anos de emancipação político-administrativa. *** No Teatro Carlos Gomes apresentou-se o cantor Luiz Melodia, com um belíssimo repertório, merecendo fartos aplausos da platéia.

— DIA 25 — Neste dia, também Dia do Colono e do Motorista, o município de Jaraguá do Sul comemorou, com um bem elaborado programa de festividades, a passagem de seus 119 anos de fundação. *** No Teatro Carlos Gomes, apresentou-se o ansiosamente esperado Balé Folclórico Lituania, com geral agrado. *** Na disputa do campeonato brasileiro de Xadrez — Jogos da Juventude — Marcela Kuhn e Patricia Serpa, da delegação catarinense, conquistaram o primeiro troféu da delegação. *** No Teatro Carlos Gomes, apresentou-se em noite de gala, o artista Luiz Melodia e sua Banda.

— DIA 26 — Uma "blitz" realizada pelo Serviço de Trânsito de Blumenau, possibilitou a apreensão de carteiras de cinco motoristas analfabetos. *** Num dos julgamentos mais demorados, Hannelore Wolfram, 38 anos, que havia mandado matar a própria filha, foi condenada a 19 anos de prisão. Itamar Matias, seu companheiro e participante, pegou 18 anos. A vítima foi a jovem Tatiana, de 14 anos de idade. *** A Lei 4.494, de 20 de julho, sancionada pelo prefeito Renato Vianna, garante o acompanhamento para crianças hospitalizadas e vai ao encontro, como pioneira, do Estatuto da Criança e do Adolescente, assim como do Projeto FAISCA que prevê a internação assistida, elaborada para ser cumprida, pelo ex-presidente Fernando Collor de Mello. *** Um livro de autoria do educador gaúcho Fiorindo Davi Grassi — "Direito Ambiental Aplicado" —, aponta Blumenau como exemplo de preservação da Natureza.

Memória Histórica de vitoriosa colonização

Iniciamos, com este número, a publicação de um magnífico trabalho de pesquisa histórica de nosso leitor e colaborador Toni Vidal Jochem focalizando o desenvolvimento da Colônia Santa Isabel e

que resultou no surgimento dos municípios de Águas Mornas e Rancho Queimado. A publicação, por ser extensa, será feita em capítulos ao longo de nossas edições.

COLONIA SANTA ISABEL

Toni Vidal Jochem (*)

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A conclusão do "Caminho das Tropas", (1) em 1845, via Vale do Cubatão, hoje BR 282, passando pela mata virgem, por montanhas e vales, ligando Desterro, capital da Província de Santa Catarina, ao Planalto Serrano possibilitou a instalação de novos núcleos coloniais às suas margens. Os tropeiros que, procedendo de Lages com seus produtos agropecuários para comercializá-los no Mercado Público do Desterro, estavam constantemente expostos aos selvícolas, os quais sentindo-se ameaçados pelo território invadido e, para sobreviverem, assaltavam os transeuntes colocando suas vidas em risco. Para amenizar tal situação, garantir a segurança dos que por ali transitavam e iniciar o povoamento de áreas vazias de povoação para garantir o domínio geopolítico, o Governo Imperial determinou, em 1846, a fundação de um núcleo colonial às margens do referido caminho. Para localizá-lo foi determinada a íngreme região de mata virgem no Rio dos Bugres, tributário do Rio Cubatão, (2) acima da Colônia Vargem Grande, (3) no litoral catarinense.

Como registro histórico merece consideração o fato de que a região do Rio dos Bugres, destinada à fundação do novo núcleo colonial, já havia sido anteriormente "descoberta" em 1843 por Gaspar Xavier Neves, residente em São José, quando "com alguns homens de seu serviço foi à Fazenda de seu pai, o Coronel

Joaquim Xavier Neves, à caça de antas; entraram pelo mato e descobriram a vargem do rio dos Bugres" (4). Gaspar Xavier Neves fez ali derrubadas, plantou e em seguida requereu a posse das terras. Em 1846 seu pai, Coronel Neves, (5) nomeado pela Presidência da Província para viabilizar a fundação de um núcleo colonial naquelas plagas, "achou conveniente e de utilidade que a Colônia projetada fosse fundada nas margens do rio dos Bugres" (6), compreendendo, inclusive, as terras "descobertas" e requeridas por seu filho. Gaspar Xavier Neves "anuindo aos bons desejos de seu pai, que se esforçara para conseguir uma boa fundação colonial, a fim de bem desempenhar a sua comissão, cedeu as terras adquiridas por legítima descoberta" (7). Em troca das terras "descobertas" no rio dos Bugres, o Presidente da Província, General Anthero José Ferreira de Britto, determinou que Gaspar Xavier Neves escolhesse outras, de igual extensão e fertilidade, em localidade próxima, o que resultou na escolha de uma "data de terras" nas margens do Rio Cedro, nas quais, posteriormente, em 1860, foi fundada, por ordem do Governo Imperial, a Colônia Theresopolis (sic) (8).

A DENOMINAÇÃO

Missão engenhosa seria determinar, com segurança, se o novo núcleo colonial recebeu desde sua fundação a denominação "**Santa Isabel**". Sabe-se, entre-

tanto, que tal nomenclatura é uma homenagem à então recém-nascida Princesa Isabel (9), filha de D. Pedro II, a exemplo da Colônia São Pedro de Alcântara (10) que é assim denominada em homenagem àquele Imperador.

TRAVESSIA DO OCEANO/ FUNDAÇÃO DA COLÔNIA

Os primeiros imigrantes alemães (11) destinados à Colônia Santa Isabel deixaram o Hunsrück em carroças conduzidas por cavalos, carregadas de baús e caixões, com filhos e filhas, rumo ao Rio Reno. Lá embarcando num vapor, seguiram rumo à Colônia. No dia seguinte, 10 de outubro de 1846, tomaram o trem para Ostende, na Bélgica. Daí, por terra, viajaram a Dunquerque, na França. Era 18 de outubro de 1846 quando o brigue Eridano, ancorado no porto de Dunquerque, levantou ferros e, de velas enfunadas, iniciou viagem para o Brasil. Contava com 220 pessoas, na sua maioria absoluta imigrantes, que iniciaram a longa travessia oceânica. O brigue Eridano aportou no Rio de Janeiro após uma viagem de 6 semanas. Na sofrível viagem morreram 27 imigrantes vitimados pela disenteria, importada pela família de um imigrante (Michael Koch). Como data de chegada ao porto de Desterro, hoje Florianópolis, Mathias Schmitz (12) cita 28 de dezembro de 1846. O transporte do Rio de Janeiro a Desterro foi custeado pelo Governo Imperial e realizado pelo bergantim "Vênus". Já em terra firme, Mathias Schmitz, nosso exímio cronista, assim relata em seu diário de incalculável valor histórico:

... "no mesmo dia em que ancoramos no porto de Santa Catarina, no Desterro, fomos transportados do navio para a cidade, onde nos acolheram num quartel desabitado. Na cidade fomos recebidos muito bem, pois os alemães, como gente ativa e trabalhadora, gozavam de bom conceito e nós éramos os primeiros que ali chegávamos depois que haviam-se estabelecidos os primeiros alemães há vin-

te anos atrás. Nos primeiros dias de nossa permanência na cidade, recebíamos gêneros alimentícios, como no Rio. A maioria, porém, preferia que, caso o auxílio ainda perdurasse por muito tempo, ele fosse dado em dinheiro e não em gêneros. Alguns foram ao Presidente da Província (Anthero José Ferreira de Britto) fazer-lhe essa sugestão. O Presidente ficou satisfeito, já que para ele esta se afigurava a melhor solução, porque não dava tanto trabalho. Assim, cada pessoa receberia 160 réis, os quais eram pagos, pontualmente, no começo de cada mês. Isso, naturalmente, era pouco, porém passávamos bem com essa quantia, pois os gêneros alimentícios eram baratos. Muitos também arranjaram serviço na cidade e trabalhavam de manhã até a noite para economizarem alguma coisa para o futuro. O auxílio nos foi dado durante 18 meses seguidos. Iríamos receber as nossas terras num lugarzinho situado a uma escassa hora de viagem da capital, na estrada real que seguia pelo interior para Lages, uma cidadezinha no planalto. "Em uma estrada!". Isso é um grande benefício para a Colônia, pensei comigo quando soube do caso. Estávamos já, mais ou menos, dois meses na cidade quando um belo dia nos chegou a notícia de que deveríamos seguir para as nossas terras. E, realmente, nesse mesmo dia a nossa bagagem foi levada para bordo de um lanchão, no qual também embarcamos e seguimos para o outro lado da baía e mais algumas horas por um rio acima até que o barco não encontrou mais fundo. Ali fomos alojados em casa de particulares, de brasileiros, até que uma família depois de outra fosse transportada para diante em carros de bois. Mas nós não fomos diretamente para os nossos lotes, pois as terras ainda não haviam sido medidas. Três horas distante do último morador, em plena mata, fora construído um grande rancho enquanto estávamos na cidade. Era, porém, construído de maneira muito rudimentar, todo aberto ao redor, provido apenas de uma cobertura de folhas de ma-

to. Para esse rancho foram trazidas todas as famílias. Como algumas eram muito numerosas, foram repartidas em diversos grupos e cada pai de família arranjou seu canto sob a coberta, fechando-o com palmitos falquejados no intuito de abrigar-se com os seus. Como eu fiquei admirado quando vi a estrada real! Na Europa nós não tínhamos nem mesmo um simples caminho que fosse tão ruim como essa estrada. Invasa pelo mato, o qual repuxava a roupa da gente, e na qual a cada passo nos enterrávamos na lama até os joelhos, ou então com água

até a barriga, tendo-se de tirar os vestidos — assim era a principal estrada da Província! (...). Na minha chegada ao barracão comum, exatamente antes da Festa do Espírito Santo, eu e um dos meus melhores amigos resolvemos visitar uma Colônia vizinha (hoje São Pedro de Alcântara) que fora povoada por alemães uns vinte anos antes (1828) e que distava do nosso barracão um dia de viagem e verificar como levavam a vida os alemães ali residentes" (13).

(Continua no próximo número)

Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copiadas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980)

José Gonçalves

— DIA 29/07/1945 — Pelo campeonato oficial da Liga Blumenauense de Futebol, jogaram Palmeiras e Guarani. Vitória do Palmeiras por 3 a 1. *** Em Brusque, no mesmo dia, o Olímpico foi vencido pelo Clube Atlético Carlos Renaux por 5 a 3.

— DIA 05/08/1945 — Pelo Campeonato da Segunda Divisão da LBF, o Vasto Verde venceu o C. A. Operário por 1 a 0. *** O Círculo de Orquidófilos de Blumenau, em assembléia realizada na sede do C. N. América, elegeu sua nova diretoria. Foram eleitos: Presidente, Hans Baumgarten; Secretário, Acrísio Moreira da Costa; Tesoureiro, Alfredo Kaestner. Conselheiros, Henrique Schmidt, Gustavo Biegging, Paulo de Tarso Ramos, Nicácio Schaeffer e Osvaldo Mantau.

— DIA 06/08/1945 — É destaque no jornal, assim como na imprensa mundial, o lançamento, neste dia, pelos EE.UU., da primeira bomba atômica sobre a cidade japonesa de Hiroshima, com terríveis consequências, resultando na morte de 350 mil pessoas. *** Os três amigos, José E. Finardi, João Schulte e Ingo Wehmuth, pescaram no rio Itajaí, proximidades de Itoupava Seca, uma carpa que pesou 25 quilos.

— DIA 08/08/1945 — O jornal anuncia a substituição do Tte. Cel. José de Melo Alvarenga, no comando do 32º. B.C., pelo Tte. Cel. Irapuan Xavier Leal. *** Um comentário do jornal diz que "o Estado Novo está indo por água abaixo..."

— DIA 11/08/1945 — O Japão rendeu-se aos aliados, depois de sofrer fragorosas derrotas nas várias frentes de batalha e de haver sacrificado milhões de súditos.

— DIA 12/08/1945 — Começou a vigorar, neste dia, um severo racionamento de energia elétrica imposto pela Empresa Força e Luz Sta. Catarina S/A., em face da grande estiagem que reduziu ao mínimo o nível das águas do rio Itajaí Açu. *** Pelo campeonato da LBF, realizou-se o grande clássico Palmeiras e Olímpico. Vitória do Palmeiras por 4 a 1, sagrando-se o alvi-verde campeão blumenauense de futebol. Equipes: Palmeiras — Bergo, Juca e Schramm; Pfau, Emílio e Doquinha; Viçó, Teixeira, Babão, Erasmo e Saul. Olímpico — Waldir, Artur e Arécio; Piska, Pilolo e Jalmo; Nandinho, Homero, Waldomiro, Heine e Brito.

Saudosismo em correção

Na edição nº. 6, de junho passado, às páginas 170 e 171, ao fazermos referência sobre a existência de uma torrefação de café num prédio da rua 15 de Novembro, local em que hoje se encontra o prédio da Casa Flamingo, ficamos em dúvida quanto à denominação do café que era torrado e moído pelo Sr. Kersanack, seu proprietário. Ao nosso encontro, veio o prezado leitor e amigo Dr. Walmor Belz, lembrando que o nome do café era «Café Corôa» (havíamos levantado a hipótese de «Cometa»). Na oportunidade, Walmor Belz também nos lembra que o proprietário seguinte daquela indústria foi o empresário Antônio Reinert, o qual administrou durante vários anos o antigo Hotel São José (hoje em lugar daquela casa está a Casa Moellmann). Mais tarde, Antônio Reinert substituiu o Sr. Kersanack na produção do café «Corôa». Após alguns anos dessa atividade, Antônio Reinert

foi locatário do saudoso Hotel Holetz, só deixando esta atividade quando o prédio foi vendido para o grupo que integrava o Banco INCO, quando então foi projetado o Grande Hotel Blumenau e, assim, demolido aquele prédio que representava uma das mais belas paisagens à entrada de Blumenau e uma das obras arquitetônicas mais admiradas pelos que nos visitavam. No porão do Hotel Holetz funcionava um restaurante, e dentre os proprietários, conhecemos um dos últimos, o empresário Norberto Serpa, que havia sido funcionário do antigo proprietário. Norberto Serpa foi vitimado, juntamente com o piloto do Aero Clube de Blumenau Alwir Koehler, num impressionante desastre aéreo nas matas localizadas no final da Alameda Rio Branco, cujo acontecimento pretendemos relatar em outra memória a ser brevemente publicada nestas páginas.

GENEALOGIA das famílias Gehrent - Schmidt e Silva - Gorges

(Continuação)

B6-134 — Maria Verônica Koerich, n. 09.05.1909 — cc Olympio Kretzer, n. 25.07.1903, f. Antonio Kretzer, n. 9 e Rosalina Deschamps — c/ 9 filhos.

T1-75 — Jairo Kretzer, n. 23.11.1932, BR. — cc Maria Angélica da Cruz, n. 04.12.1936 — 2 filhos, f. Manoel José da Cruz e Angélica da Cruz.

T2-76 — Guido Francisco Kretzer, n. 10.08.1935 — cc Nilma Vieira, c/ 5 filhos — FI.

T3-77 — Ester Maria Kretzer, n. 04.02.1941, BR. — cc Atair Vitor Rosar, c/ 3 filhos.

T4-78 — Cesar Francisco Kretzer, n. 30.10.1938 — cc Alvimera Búrig, s.s. — FI. Av. Hercílio Luz, 103/1001 — F: 22-9510.

T5-79 — Vasco Francisco Kretzer, n. 07.08.1937. 1ª. Almeri..., c/ 2 filhos; 2ª. Helena..., s.s. — FI.

T6-80 — Tadeu Francisco Kretzer, n. 14.07.1944 — cc Dilva Lacerda, c/ 6 filhos — FI.

T7-81 — Maria Aparecida Kretzer, n. 05.05.1946 — cc Vilton Luís Nunes, c/ 1 filho — BR.

- T8-82 — Sonia Catarina Kretzer, n.º. 25.11.1949 — cc Lauro Jucem, c/ 6 filhos — Joaçaba.
- T9-83 — Vânia Maria Kretzer, n. 12.03.1955 — cc Augusto Neff — 13 filhas.
- B7-134 — Nicolau Koerich, Urubici — cc Celestina Krieger (Maria).
- T1-84 — Rogério Koerich — (Médico — Fl.), f. Nicolau Koerich e Maria Celestina Krieger.
- B8-135 — José Koerich, n. 27.08.1916, + 25.01.1974 — cc Emília Kuhn, c/ 9 filhos.
- T1-85 — Teresinha Koerich, n. 20.10.1940 — cc José Leonardo Gorges, n. 30.11.1933, f. Clemente Matias Gorges e Maria Goedert — n/p Matias Gorges e Ana Sens. Teve 5 filhos — Lages.
- T2-86 — Ivone Maria Koerich — cc Valdemiro José Coelho.
- T3-87 — Maria Aparecida Koerich — cc Moacyr Bunn.
- T4-88 — Genoveva Maria Koerich — cc João Deker.
- T5-89 — Noémia Isabel Koerich — cc José Boering (Broering).
- T6-90 — Maria Salete Koerich — cc Valdir Medeiros.
- T7-91 — Maria do Carmo Koerich — cc Almir Schmitt.
- T8-92 — Vera Lúcia Koerich — cc Armelindo...
- T9-93 — Angela Maria Koerich — cc Adelson...
- B9-136 — Genoveva Koerich, + solt. — Fl.
- B10-137 — Paulina Koerich, n. 17.07.1920, f. Antonio Pedro Koerich, n. 1874 e Maria Gerent, n. 1879 — n/p Pedro Estefano Koerich, n. 1838 e Margarida Schmitt, n. 1841 — n/m Pedro João Gerent, n. 21.08.1854 e Ana Schmitt, n. 30.09.1857 — cc Edelberto Weiss Ramos (2ª. esposa), f. Henrique Córdova Ramos — cc Lídia Weiss. 1ª. esposa — Nilza Kretzer Schmitz.
- T1-94 — Anísio Anselmo Ramos.
- T2-95 — Henrique Antonio Ramos, n. 11.04.1946 — cc Eloir Xavier — Urubici.
- T3-96 — Afonso Edelberto Ramos — cc Lúcia Regina Granzoto.
- T4-97 — Renato Francisco Ramos — cc Cleusa Coelho.
- T5-98 — Carlos Alberto Ramos — cc Marli Araujo.
- T6-99 — Nilza Luíza Ramos — cc 1º. Luiz Schemoto; 2º. Flávio Fritah.
- T7-100 — Joseli Nadir Ramos — cc César Machado.
- T8-101 — Saulo César Ramos — cc Edimora Silva.
- T9-102 — Juarez Ascânio Ramos — cc Rita Córdova de Lis.
- T10-103 — Domingos Sávio Ramos — cc Sandra Koch.
- T11-104 — Lídia Maria Ramos — cc João Tristão.
- T12-105 — José Eugênio Ramos — cc Marli Ramos.
- T13-106 — Francisco Domingos Ramos — solt.
- T14-107 — Rubem Maurélio Ramos — cc Neuci Basílio.
- N6-18 — Engelberto Kehrig (Koerich), n. 1875, f. Pedro Estefano Kehrig, n. 1838 e Margarida Schmitt, n. 1841 — cc Catarina Kretzer, f. Antonio Kretzer e Margarida Petry.
- B1-138 — Raulino Koerich, Diretor das firmas Koerich — Fl.
- T1-108 — Orlando Koerich — cc Angélica Kretzer.
- T2-109 — Paulo Koerich.
- N7-19 — Pedro Martin Koerich, n. 1879, f. Pedro Estefano Kehrig, n. 1838 e Margarida Schmitt, n. 1841 — cc Maria Luisa Sens, f. Matias Gil Sens e Catarina Gorges, n. 1859 — n/p Egídio Sens, n. 1821 e Maria Hoffmann, n. —/—/1836 — n/m Antonio Gorges, n. 05.07.1830 e Catarina Trierweiler, n. 1833. Teve filhos.

(Continua)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza
Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação.

CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm Heinrich Ideker; Ellen Jone Wegge Vollmer; Altair Carlos Pimpão; João Carlos von Hohendorff; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely Dorigatti Werner; Ruth Winkler Paul; Marcos Henrique Buechler; Ernesto Deschamps.

DIRETORIA :

Presidente Interino : Altair Carlos Pimpão
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves



Consórcio
Breitkopf

**A CERTEZA DE FAZER O
MELHOR INVESTIMENTO**

DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000

Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC

HERING

TÊXTIL

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.